

PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO CIVIL DE SETÚBAL E AZEITÃO

**ANTÓNIO CUNHA BENTO
INÊS GATO DE PINHO
MARIA JOÃO PEREIRA COUTINHO**
COORDENAÇÃO CIENTÍFICA



COORDENAÇÃO CIENTÍFICA **ANTÓNIO CUNHA BENTO | INÊS GATO DE PINHO | MARIA JOÃO PEREIRA COUTINHO**

TEXTOS **ANA CLÁUDIA SILVEIRA** IEM/FCSH/NOVA | **ANA DUARTE RODRIGUES** CIUHCT/FCUL | FCT-UNL
ANA LÚCIA BARBOSA ICOMOS | CERIS-IST/UL | **ANTÓNIO CUNHA BENTO** INVESTIGADOR
INDEPENDENTE | **BRUNO FERRO** CMS | **CARLOS Mouro** INVESTIGADOR INDEPENDENTE |
CARLOS TAVARES DA SILVA UNIAHQ-UL | **CÉSAR MEXIA DE ALMEIDA** INVESTIGADOR
INDEPENDENTE | **DIOGO FERREIRA** IHC/FCSH/NOVA | **FRANCISCA RIBEIRO** CMS | **HÉLDER
CARITA** IHA/FCSH/NOVA | **HUGO O'NEILL** APCA | **INÊS GATO DE PINHO** CERIS-IST/UL | **JOÃO
BERNARDO GALVÃO TELES** LMT-CONSULTORES EM HISTÓRIA E PATRIMÓNIO | **JOÃO SANTOS**
IHC/FCSH/NOVA | **JOÃO VIEIRA CALDAS** CITUA-IST/UL | **JOAQUINA SOARES** MAEDS-AMRS |
UNIAHQ-UL | **MARIA ALEXANDRA TRINDADE GAGO DA CÂMARA** UAB | CHAIA-EU |
ARTIS-FLUL | CITAR-UCP | **MARIA JOÃO BOTELHO MONIZ BURNAY** PNA | FLUL | **MARIA JOÃO
PEREIRA COUTINHO** IHA/FCSH/NOVA | **MANUELA TOMÉ** CMS | **MIGUEL MONTEZ LEAL** IHA/
FCSH/NOVA | **PEDRO FERNANDES** INVESTIGADOR INDEPENDENTE | **PEDRO FLOR** UAB | IHA/
FCSH/NOVA | **PEDRO MARQUES ALVES** INVESTIGADOR INDEPENDENTE

DESIGN DE COMUNICAÇÃO **DDLX – DESIGN COMUNICAÇÃO LISBOA**

EDIÇÃO **LASA – LIGA DOS AMIGOS DE SETÚBAL E AZEITÃO | ESTUÁRIO**

IMPRESSÃO **RAINHO & NEVES**

PATROCÍNIOS **SANTANDER TOTTA | INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL |
CÂMARA MUNICIPAL DE SETÚBAL | QUINTA DO ALCUBE**

Depósito Legal: 456004/19

ISBN: 978-972-8017-30-9

Os artigos, imagens e norma ortográfica utilizadas são da responsabilidade dos autores.

Os editores não aceitam qualquer responsabilidade por qualquer uso indevido de texto e imagens.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	9
VESTÍGIOS DE DOMUS NA SETÚBAL ROMANA JOAQUINA SOARES E CARLOS TAVARES DA SILVA	11
O PATRIMÓNIO DA FAMÍLIA QUEIMADO DE VILALOBOS / MIRANDA HENRIQUES EM SETÚBAL NA TRANSIÇÃO DO SÉCULO XV PARA O XVI ANA CLÁUDIA SILVEIRA	23
QUINTA DAS TORRES, EM AZEITÃO HÉLDER CARITA	47
A QUINTA DE BRÁS AFONSO DE ALBUQUERQUE EM AZEITÃO: ARQUITECTURA, ESCULTURA E AZULEJO NO RENASCIMENTO PEDRO FLOR	69
A QUINTA DA BACALHOA: REGULARIZAÇÃO DO ESPAÇO E CONTROLO DA NATUREZA ANA DUARTE RODRIGUES	87
OS PAÇOS DOS DUQUES DE AVEIRO EM SETÚBAL JOÃO VIEIRA CALDAS E MARIA JOÃO PEREIRA COUTINHO	111
EDIFÍCIOS DE USO CORRENTE NO NÚCLEO ANTIGO DE SETÚBAL: A TIPOLOGIA ARQUITECTÓNICA QUE PERSISTE MANUELA TOMÉ	141
OS MIRANTES DAS CASAS RELIGIOSAS FEMININAS E A SUA ADAPTAÇÃO AO USO CIVIL. O CASO DE SETÚBAL: MEMÓRIAS E PERMANÊNCIAS ANA LÚCIA BARBOSA	161
PAREDES QUE FALAM ENTRE A REGRA E A IMAGINAÇÃO. A ROTA DO PATRIMÓNIO AZULEJAR EM CONTEXTO CIVIL DE SETÚBAL E AZEITÃO MARIA ALEXANDRA TRINDADE GAGO DA CÂMARA	177
AS ARTES DECORATIVAS, ENTRE A VIDA PRIVADA E O ESTATUTO SOCIAL. ESTUDO DE (ALGUNS) ARTEFACTOS DO ACERVO DO MUSEU DE SETÚBAL/CONVENTO DE JESUS FRANCISCA RIBEIRO	195
A ARQUITECTURA CIVIL AO SERVIÇO DA CASA RELIGIOSA: PROPRIEDADES URBANAS E RURAIS DO COLÉGIO DA COMPANHIA DE JESUS DE SETÚBAL. A QUINTA DO ESTEVAL. INÊS GATO DE PINHO E JOÃO BERNARDO GALVÃO TELES	209

A SAÚDE DA NOSSA IDENTIDADE CULTURAL ESTÁ NA VIDA DAS PEDRAS E DOS SÍTIOS – REVISITAR O PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO DA FAMÍLIA O’NEILL NA REGIÃO DE SETÚBAL (1740 – 2018)	233
HUGO O’NEILL	
DO TOPÓNIMO AOS ESTANTES – SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DOS PRÉDIOS RÚSTICOS E URBANOS DE SETÚBAL EM 1762	257
ANTÓNIO CUNHA BENTO	
O EDIFÍCIO DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA DO DISTRITO DE SETÚBAL: CONTRIBUTOS PARA A SUA HISTÓRIA	297
CÉSAR MEXIA DE ALMEIDA	
FORMA E FUNÇÃO – OBSERVAÇÕES RELATIVAS À NATUREZA DOS ESPAÇOS E PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO DAS ANTIGAS QUINTAS DA BAIXA DE PALMELA	309
PEDRO FERNANDES	
UMA QUINTA ROMÂNTICA NO CORAÇÃO DE SETÚBAL: O OUTEIRO DA SAÚDE	329
MARIA JOÃO BOTELHO MONIZ BURNAY	
PEREIRA CÃO (1841-1921), PERCURSO E OBRA DE UM PINTOR SETUBALENSE	351
MIGUEL MONTEZ LEAL	
SETÚBAL AO ESPELHO – A COLEÇÃO FOTOGRÁFICA DE AMÉRICO RIBEIRO: UM SINGULAR INVENTÁRIO ARQUITETÓNICO DA CIDADE E UM PATRIMÓNIO SETUBALENSE A PRESERVAR	365
BRUNO FERRO	
O BAIRRO SALGADO, SETÚBAL (ALGUMAS NOTAS)	375
CARLOS MOURO	
SETÚBAL E A POLÍTICA HABITACIONAL DO ESTADO NOVO NA DÉCADA DE 1940: O BAIRRO PRESIDENTE CARMONA (1948) E O BAIRRO DE CASAS ECONÓMICAS DA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO (1949)	401
DIOGO FERREIRA E JOÃO SANTOS	
“CASAS EVOLUTIVAS” NO BAIRRO DO CASTELO VELHO, EM SETÚBAL	431
PEDRO MARQUES ALVES	
NOTAS BIOGRÁFICAS E CURRICULARES DOS AUTORES	447
ÍNDICE REMISSIVO	459

VESTÍGIOS DE DOMUS NA SETÚBAL ROMANA

JOAQUINA SOARES

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA DO DISTRITO DE SETÚBAL/AMRS

CARLOS TAVARES DA SILVA

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA – UNIARQ

“Se imaginarmos um criado, vivendo num acanhado cubículo onde dormia tendo por leito um pobre colmeiro de palha ferrã e se pensarmos o que sentiria esse serviçal ao entrar no quarto de dormir do seu senhor, com pavimentos de policromo mosaico e leito de boa madeira com aplicações de bronzes ornamentais, compreenderemos como a visão deste outro espaço podia reforçar no criado o sentimento de dependência”

(Alarcão, 2003, p. 110)

RESUMO

Apresentam-se os principais vestígios arquitectónicos de *domus* identificados no subsolo do centro histórico de Setúbal e correlacionam-se com os traçados viários ainda muito fragmentários de um aglomerado urbano de génese pré-romana e de vocação “fabril”, pouco conforme ao modelo de cidade romana planeada a partir de sistema de eixos viários ortogonais e hierarquizados. Apesar da sua origem sidérica, a Setúbal romana aproximar-se-ia dos conceitos urbanísticos e arquitectónicos da potência colonizadora, porque, como bem sugere Jorge Alarcão (2003), a organização do espaço não é acidental e muito menos “ingénua”; ela constitui um factor relevante na reconfiguração das relações sociais de produção e da superestrutura ideológica.

Será dispensada particular atenção à chamada “Casa dos Mosaicos”, construída em meados/3º quartel do século I d.C., quando a arquitectura romana marca definitivamente a paisagem na periferia atlântica do Império.

Tal como Vitruvius afirmava no seu tratado “*De architectura libri decem*”, escrito no reinado de Augusto, mais propriamente no livro VI, a casa romana devia obedecer a normas construtivas e tipológicas específicas da arquitectura privada em espaço urbano, enquadrar-se devidamente na geografia, orografia e orientar as suas salas de acordo com a latitude e o clima locais. Não menos importantes do que estes condicionalismos de carácter ambiental e técnico, eram os constrangimentos impostos pelo estatuto e classe social dos proprietários.

MUDANÇA DE PARADIGMA: SETÚBAL HERDEIRA DE CAETOBRIGA

A existência de uma cidade romana no subsolo de Setúbal, mau grado as observações de José Marques da Costa em 1957 (Costa, 1960), só viria a ser definitivamente confirmada e consensualmente aceite com os trabalhos de arqueologia urbana desenvolvidos pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS) a partir do último quartel do século XX (Fig. 1), inseridos no projecto de investigação de longa diacronia *Preexistências de Setúbal*. Cerca de meia centena de escavações, mais ou menos extensas, das quais mapeamos 35 (Fig. 2), têm vindo a permitir a delimitação e caracterização das ocupações romana, e pré-romana, bem como a reconstituição da paleogeografia. O acesso ao registo empírico não obedece às perguntas da investigação, mas ao acaso das ocorrências de renovação e reabilitação urbanas, nem sempre sujeitas a acompanhamento arqueológico, como no paradigmático caso do lote nº 77-79 da Rua de Arronches Junqueiro, onde existiu uma *domus* com mosaicos a que apenas tivemos acesso a partir de uma pequena janela (2.30x2m) no lote contíguo, nº 75 da mesma rua. Outras intervenções são realizadas sobretudo segundo lógica empresarial, não chegando os seus resultados à fase de publicação, na maioria dos casos, e como tal não atingem a fase de acreditação pela comunidade científica. Apesar das limitações apontadas, vamos continuando a construir o *puzzle*, assumindo o carácter fragmentário da informação que nos chega, suficiente no entanto para fazer colapsar o paradigma da origem pós-romana de Setúbal, que vigorava desde o Renascimento, quando André de Resende (Resende, 1593) identificou as ruínas de Tróia e se sedimentou o consenso, entre os eruditos que o continuaram, de que Tróia corresponderia a *Caetobriga* (Castelo-Branco, 1954; Costa, 1898; Ferreira, 1959; SAL, 1850, 1851).

Actualmente, parece-nos evidente que o sítio de *Caetobriga*, na foz do Sado, era dotado de acentuada complexidade funcional, como convém a um aglomerado urbano, e polinucleado, atravessado pelo Sado e pelo esteiro do Livramento, principais artérias de uma cidade aquática, rodeada por sapais (Soares e Tavares da Silva, 2012; Tavares da Silva, 2018). Podemos imaginar *Caetobriga*



Fig. 1 Escavações arqueológicas na Praça de Bocage, 1977. A primeira grande exposição pública de apreciável troço da Setúbal romana. O tema das origens da cidade foi discutido na “praça pública” Seg. Tavares da Silva e Coelho-Soares, 1980-81.

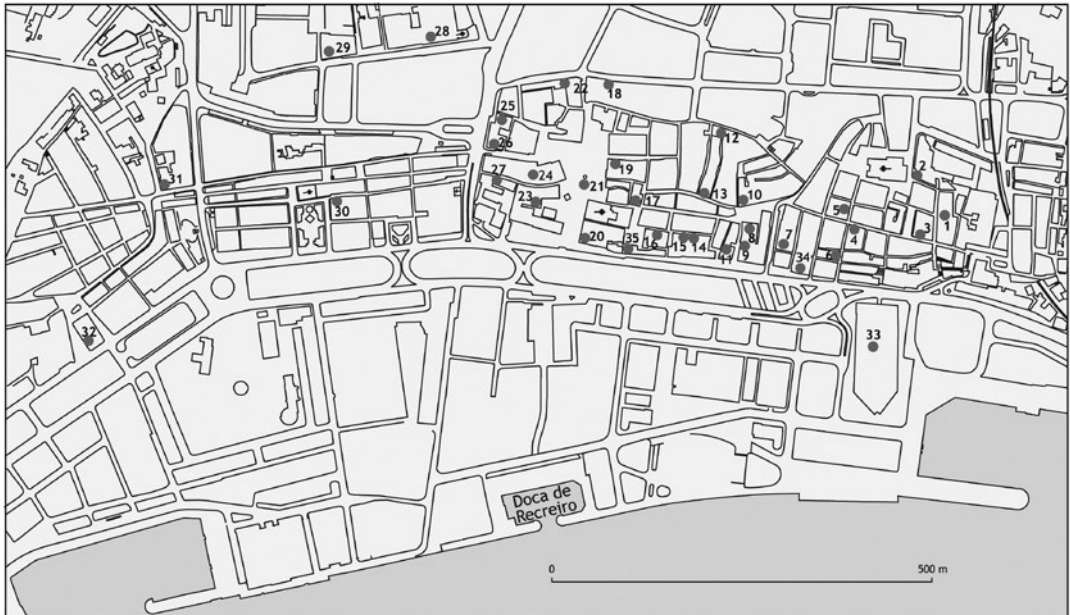


Fig. 2 Principais intervenções arqueológicas desenvolvidas pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, na área urbana de Setúbal: 1 - Rua Francisco Augusto Flamengo, 10-12; 2 - Travessa dos Apóstolos; 3 - Rua Arronches Junqueiro 32-34; 4 - Rua Arronches Junqueiro 73-75; 5 - Rua António Joaquim Granjo; 6 - Rua António Joaquim Granjo, 19 (Casa dos Mosaicos); 7 - Travessa de João Galo, 4-4B; 8 - Largo da Misericórdia; 9 - Travessa de Frei Gaspar; 10 - Travessa da Portuguesa; 11 - Av. Luísa Todi (edifício BCP); 12 - Rua Major Afonso Pala; 13 - Rua Álvaro Castelões; 14 a 16 - Rua António Januário da Silva; 17 - Rua Serpa Pinto; 18 - Avenida 5 Outubro; 19 - Rua Luís de Camões; 20 - Praça de Bocage / Av. Luísa Todi (edifício Montepio); 21 - Praça de Bocage; 22 - Largo do Sapalinho; 23 - Praça de Bocage/Loja Chiado; 24 - Rua de Bocage / Rua Augusto Cardoso (edifício da Vinícola/Benetton); 25 - Beco de Dona Maria; 26 - Av. 22 de Dezembro; 27 - Rua Augusto Cardoso; 28 - Praça Miguel Bombarda/Largo do Convento de Jesus; 29 - Rua Acácio Barradas; 30 - Rua António Maria Eusébio; 31 - Praça Machado dos Santos / Largo da Fonte Nova; 32 - Largo António Joaquim Correia; 33 - Balaarte da Nossa Senhora da Conceição; 34 - Av. Luísa Todi, nos. 170-178; 35 - Av. Luísa Todi, 266-272/Largo da Ribeira Velha.

com dois núcleos principais: o da actual Baixa de Setúbal e o de parte da Península de Tróia (Étienne, Makaroun e Mayet, 1994; Soares, 2000; Tavares da Silva, 2018), à época a ilha de Achale referida na *Ora Marítima* (Avieno, 1992; Ferreira, 1971).

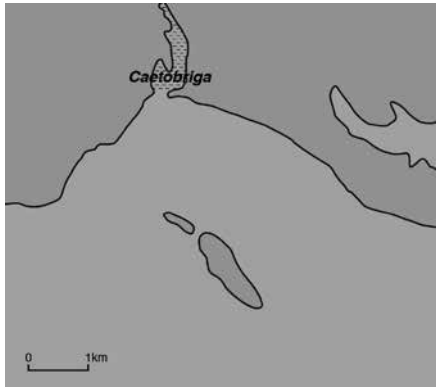


Fig. 3 Ensaio de reconstituição paleogeográfica da baía de Setúbal na Época Romana. Seg. Soares e Tavares da Silva, 2012.

Enquanto o núcleo urbano-industrial de Tróia foi fundado ex-nihilo no reinado de Tibério, possivelmente por iniciativa de uma rica família de Salacia - os *Cornelii Bocchi* (Alarcão, 2011; Pinto, Magalhães e Brum, 2011) -, o núcleo da margem direita do Sado era de fundação pré-romana. O primeiro povoado estável aí reconhecido remonta à transição da Idade do Bronze para a Primeira Idade do Ferro, orientalizante (Soares, 2000; Soares e Tavares da Silva, 1986; Tavares da Silva, 2018). O povoado foi-se adaptando “organicamente” às vicissitudes da história e aos constrangimentos de uma geomorfologia muito instável. A Setúbal romana não terá assistido à tarefa primordial dos agrimensores, traçando o *cardo* e o *decumanus* da nova urbe, por decisão da potência colonizadora. Pela génese do nosso objecto de estudo e pelas condições de produção científica que caracterizam a prática arqueológica em meio urbano, a apreensão do urbanismo não tem sido tarefa fácil, subsistindo muitas dúvidas e restritas possibilidades de acesso ao arquivo subterrâneo.

A informação disponível deixa perceber que a povoação romana adquire vida urbana durante o período imperial, mais propriamente a partir de meados/3^o quartel do século I, quando Salacia começa a perder importância económica (Tavares da Silva *et al.*, 1980-81). O traçado de ortogonalidades observadas em edifícios e troços de eixos viários da época romana até agora identificados permite defender a existência de uma estrutura urbana reticulada, segundo eixos perpendiculares aproximadamente de direcção ESE-WNW e NNE-SSW (Fig. 4). Partimos das seguintes realidades arqueológicas:

- Prováveis troços viários, como o cruzamento de duas ruas correspondentes aproximadamente às actuais R. Jorge de Aquino e limite norte da R. Arronches Junqueiro (Soares, 2000), colocados em evidência pela identificação dos res-

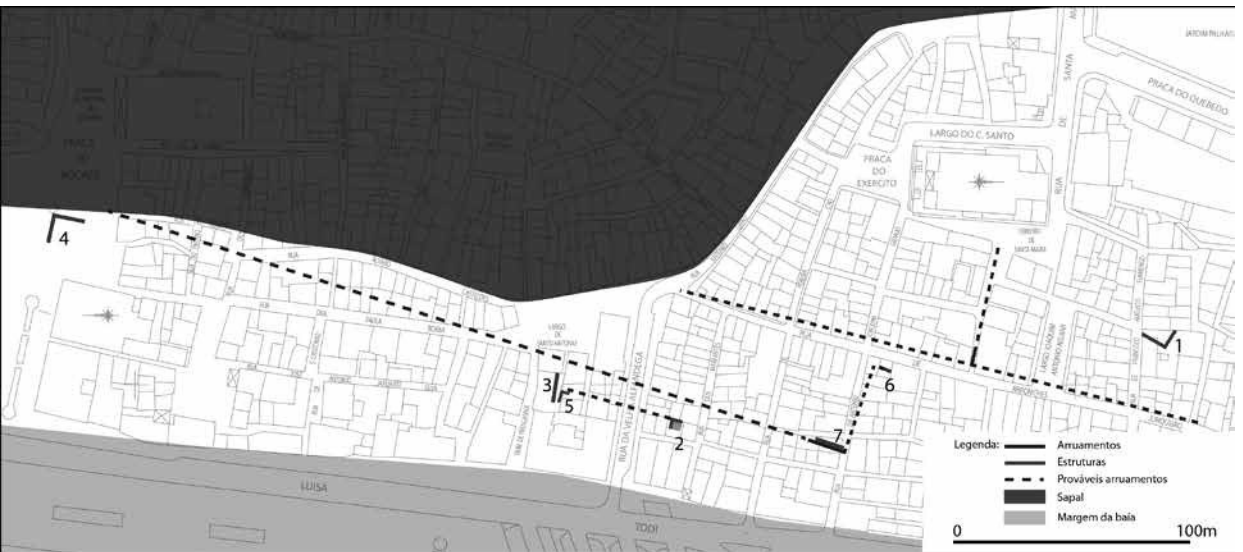


Fig. 4 Elementos arquitetónicos e urbanísticos da Setúbal romana. Base cartográfica: planta actual do centro histórico de Setúbal (levantamento aerofotogramétrico da Câmara Municipal de Setúbal).

pectivos esgotos, e ainda o arruamento que separa os dois imóveis alto-impe-riais no lote 19 da Rua António Joaquim Granjo (Tavares da Silva e Soares, 2018);

- Equipamentos públicos como o reservatório de água (Fig. 4, 1) com capacidade superior a 250m³ da Rua Francisco Augusto Flamengo (Tavares da Silva *et al.*, 2010, 2014) e o imóvel público (Fig. 4, 2) de função indeterminada (templo?) do século II d.C., localizado na Travessa de João Galo (Tavares da Silva e Coelho-Soares, 2014);
- Equipamentos produtivos, como a oficina de preparados de peixe (Fig. 4, 3) da Travessa de Frei Gaspar (Setúbal), em pleno funcionamento no período flaviano, com retoma parcial no séc. V (Tavares da Silva, Soares e Coelho Soares, 1986); o estabelecimento fabril de salgas de peixe (Fig. 4, 4) da Praça de Bocage (Setúbal), do séc. I, e abandonado a partir do século III (Tavares da Silva e Coelho-Soares, 1980-81).

VESTÍGIOS DE DOMUS

A presença de *domus* na colina de Santa Maria é o melhor indicador de vida urbana e de uma “aristocracia” aí residente.

Perante as diversas variantes de plantas registadas no tratado de arquitectura de Vitruvius (Maciel, 2006) e no vasto registo arqueológico (Alarcão, 2012; Barton, 1994; Daniels-Dwyer, 2000; Magalhães *et al.*, 2015), é-nos impossível identificar as tipologias face à fragmentação dos vestígios disponíveis.

Tomámos como modelo a planta esquemática de uma *domus* de peristilo, publicado no *Dicionário de Arqueologia Portuguesa* (Alarcão e Barroca, 2012):

- *Domus* da Travessa de Frei Gaspar (Fig. 4, 5), reconhecida somente através de dois troços de muros ortogonais de presumível *peristylum*, com as caracte-

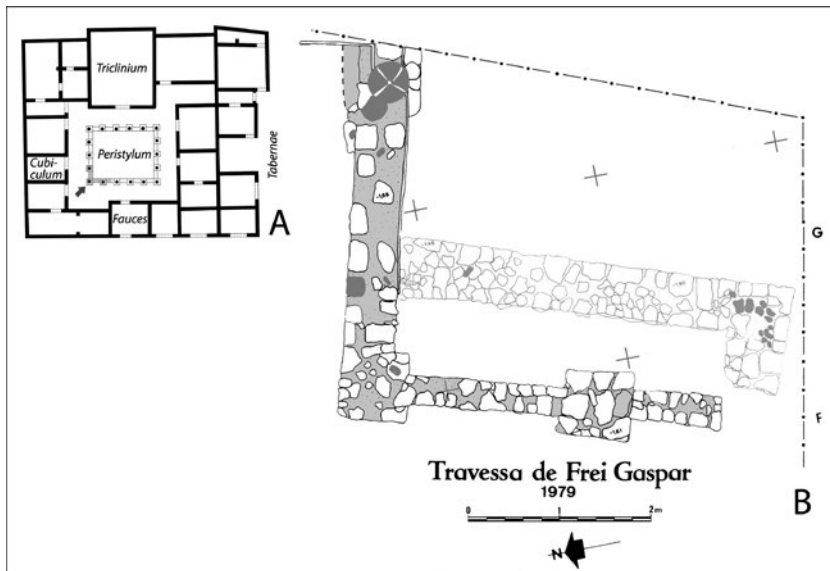


Fig. 5 A Planta esquemática de *domus* de peristilo (seg. Alarcão, 2012). B - Planta de área escavada na Travessa de Frei Gaspar, Setúbal (seg. Tavares da Silva, Soares e Coelho-Soares, 1986), com parte do peristilo de uma habitação de meados/terceiro quartel do século I d.C.

rísticas dilatações sobre as quais assentavam colunas em tijolos de quadrante ainda conservados em uma dessas dilatações. Edifício datado de meados/terceiro quartel do século I, por materiais provenientes do nível em conexão com o peristilo (Tavares da Silva, Soares e Coelho-Soares, 1986). Este nível foi cortado pela vala de construção do muro nascente de oficina de preparados piscícolas flaviana.

- *Domus* da Rua Arronches Junqueiro, 75 (Fig. 4, 6). Construída no século II/III. Reconhecida a partir de um pequeno troço de galeria porticada, pavimentada a mosaico e bordejada por espelho de água no quadrante sul (Tavares da Silva, Soares e Wrench, 2010; Soares e Tavares da Silva, 2018). O pórtico está orientado paralelamente à Rua Arronches Junqueiro e era suportado por colunas em tijolo de quadrante.
- *Domus* da Rua António Joaquim Granjo, nº 19 (Fig. 4, 7). Encontraram-se vestígios de dois edifícios, separados por um estreito arruamento com pouco mais de 1,5m de largura e aproximadamente paralelo à margem da baía (ESE-WNW); foram construídos em meados/3º quartel do século I. O melhor conservado foi requalificado nos finais do século II com a aplicação de pavimentos musivos, pintura a fresco, em duas camadas sucessivas de estuque (Fig. 9); revestimentos em mármore verde cipollino. Viria a ser abandonado entre meados do séc. III e meados do séc. IV (Tavares da Silva e Soares, 2018). Esta *domus* não abria porta para o beco, a sul, e desenvolvia-se para norte do lote intervencionado. Uma das salas revestidas a mosaico apresenta um grande “tapete” decorado por motivos geométricos com 6,5m no lado sul.

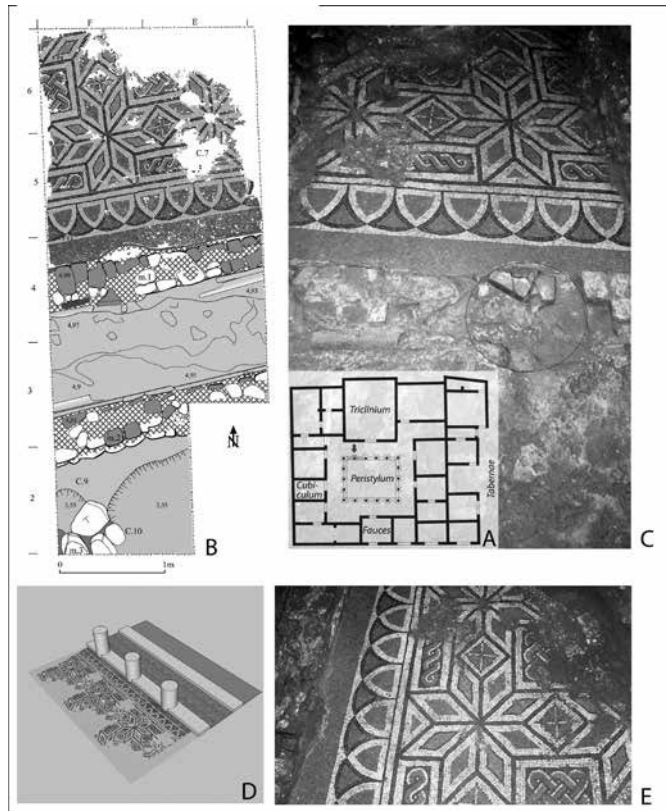


Fig. 6 Vestígios da domus da Rua Arronches Junqueiro, nº 75 (Setúbal). A - Planta esquemática de domus (seg. Alarcão, 2012). B a E - planta e fotos da área escavada com pormenor do mosaico (E) e reconstrução tridimensional (D).

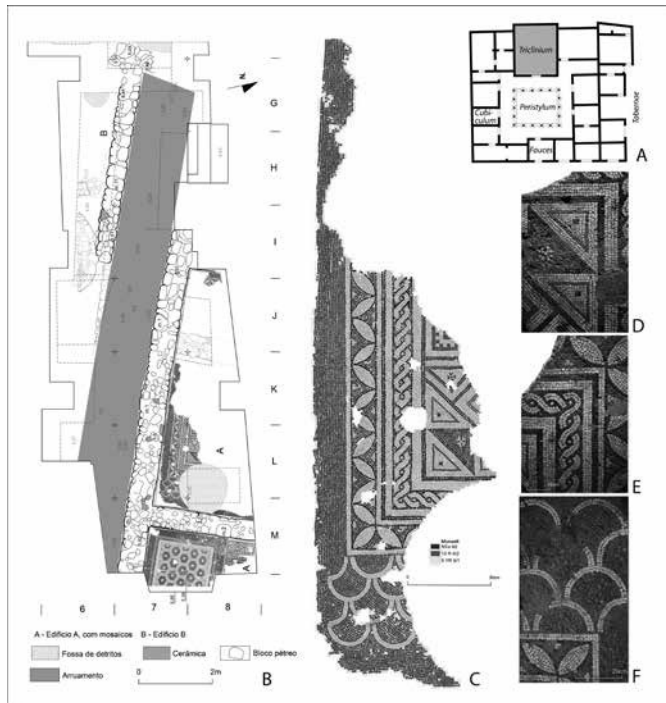


Fig. 7 Domus do nº19 da Rua António Joaquim Granjo, Setúbal. A - Planta esquemática de domus (seg. Alarcão, 2012). B - Planta da área escavada com vestígios de domus e de arruamento. C a F - Pormenores do pavimento musivo de presumível triclinium.

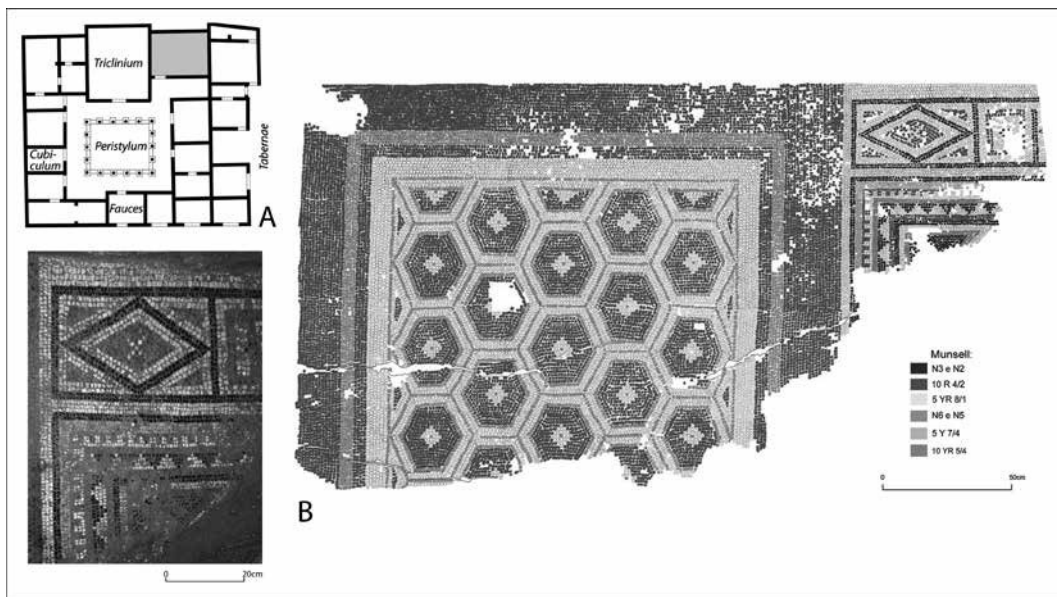


Fig. 8 Domus do nº19 da Rua António Joaquim Granjo, Setúbal. A – Planta esquemática de domus (seg. Alarcão, 2012). B – Mosaico de presumível cubiculum.



Fig. 9 Rua António Joaquim Granjo, 19. Revestimento do muro 2 por camadas de estuque pintado (Sala I).

A grande dimensão do compartimento permite-nos supor que se trataria de *triclinium* (Fig. 7). Esta sala confinava a nascente com uma outra que se prolongava sob a R. António Joaquim Granjo. Neste segundo compartimento, observou-se igualmente um piso musivo, com dois “tapetes” que claramente segmentavam o espaço interior (Fig. 8); um deles possui cerca de 2m de largura e comprimento indeterminado; do segundo “tapete musivo” e do próprio compartimento não se obtiveram dimensões completas em nenhum dos lados. Podemos deixar em aberto a hipótese de se tratar de *cubiculum* ou mesmo de um triclinio de Primavera e Outono sendo, nesta hipótese, o primeiro compartimento, virado a norte, o triclinio de verão (Maciel, 2006, p. 231). Só futuras escavações arqueológicas na Rua António Joaquim Granjo poderão responder às hipóteses aqui formuladas.

CONCLUSÃO

Com o presente texto, pretendeu-se chamar a atenção para os vestígios arquitectónicas de uma Setúbal oculta sob a cidade actual, mas que apesar dessa invisibilidade pode ter marcado indelevelmente a organização física e até social do chamado centro histórico. Só o prosseguimento dos estudos de arqueologia urbana poderá ratificar ou rectificar as propostas aqui apresentadas e trazer mais informação sobre a vida dessa antiga cidade da foz do Sado.

As *domus* comportavam-se como símbolos de poder, marcadores de classe social. A sua presença na colina de Santa Maria permite defender a efectiva residência de uma elite local, por hipótese associada ao controlo do comércio marítimo de preparados piscícolas (Étienne e Mayet, 2000; Edmondson, 1987; Mayet e Tavares da Silva, 2000, 2010). Esta elite seguia as práticas e as requintadas exigências, no quotidiano do seu espaço habitacional, próprias da aristocracia romana das grandes cidades do Império, como se pode deduzir a partir do programa decorativo da “Casa dos Mosaicos”, no nº 19 da Rua António Joaquim Granjo (Tavares da Silva, Soares e Wrench, 2010; Tavares da Silva e Soares, 2018).

BIBLIOGRAFIA

- Alarcão, J. (2003) – De como solidariedades e distanciamentos sociais construíram os espaços na Idade do Ferro e na Época Romana; e de como os espaços reforçaram aquelas proximidades e distâncias. In V. O. Jorge (coord.), *Arquitectando espaços: da Natureza à Metapolis*. Porto/Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, p. 105-111.
- Alarcão, J. (2011) – Os *Cornelii Bocchi*, Tróia e Salacia. In J. L. Cardoso & M. Almagro-Gorbea (eds.), *Lucius Cornelius Bocchus. Escritor lusitano da Idade da Prata da Literatura Latina*. Lisboa-Madrid: Academia Portuguesa da História e Real Academia de la Historia, p. 323-347.
- Alarcão, J. (2012) – *Domus*. In J. Alarcão & M. Barroca (coord.), *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*. Porto: Figueirinhas.
- Alarcão, J.; Barroca, M. (2012) – *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*. Porto: Figueirinhas.
- Avieno, R. (1992) – *Ora Marítima* (edição comentada por José Ribeiro Ferreira). Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.
- Barton, I. M. (ed.) (1994) – *Roman domestic buildings*. Exeter: University Exeter Press.
- Castelo-Branco, F. (1954) – O problema da identificação de Cetóbriga com as ruínas de Tróia de Setúbal. *Brotéria*, 58, p. 703-709.
- Costa, A. I. Marques da (1898) – Estudos sobre Tróia de Setúbal. 8. Edificações de Tróia. *O Archeólogo Português*, 4, p. 344-351.
- Costa, J. Marques da (1960) – *Novos elementos para a localização de Cetobriga. Os achados romanos da cidade de Setúbal*. Setúbal: Câmara Municipal.
- Daniels-Dwyer, R. (2000) – *The economics of private construction in Roman Italy*. Reading: University of Reading.

- Edmondson, J. C. (1987) – *Two industries in Roman Lusitania. Mining and garum*. Oxford: B.A.R.
- Étienne, R.; Mayet, F. (2000) – *Les salaisons et sauces de poissons hispaniques*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Étienne, R.; Makaroun, Y.; Mayet, F. (1994) – *Un grand complexe industriel à Tróia (Portugal)*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Ferreira, F. Bandeira (1959) – O problema da localização de Cetóbriga. Seu estado actual. *Conímbriga*, 1, p. 41-70.
- Ferreira, F. Bandeira (1971) – A propósito do nome de Achale ou Acale da Ora Marítima de Avieno. *Revista de Guimarães*, 69, p. 437-444.
- Maciel, M. J. (2006) – Vitruvius. *Tratado de Arquitectura*. Lisboa: Instituto Superior Técnico
- Magalhães, F.; Ribeiro, J. M. Pinto; Martins, M. M. (2015) – Entre o público e o privado. Cenários do quotidiano na domus das Carvalheiras. *Romanitas-Revista de Estudos greco-latinos*, 6, p. 88-106.
- Mayet, F.; Tavares da Silva, C. (2000) – La place de Tróia dans l'économie de l'Hispanie romaine. *Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida (Trabalhos de Arqueologia, 14)*, p. 85-99.
- Mayet, F.; Tavares da Silva, C. (2010) – Production d'amphores et production de salaisons de poisson: rythmes chronologiques sur l'estuaire du Sado. *Conímbriga*, 49, p. 119-132.
- Pinto, I. V.; Magalhães, A. P.; Brum, P. (2011) – O complexo industrial de Tróia desde os tempos dos Cornélii Bocchi. In J. L. Cardoso & M. Almagro-Gorbea (eds.), *Lucius Cornélius Bocchus. Escritor lusitano da Idade da Prata da Literatura Latina*. Lisboa-Madrid: Academia Portuguesa da História e Real Academia de la Historia, p. 133-167.
- Resende, A. (1593) – *De Antiquitatibus Lusitaniae*. Évora.
- SAL - Sociedade Archeologica Lusitana (1850) – *Annaes da Sociedade Archeologica Lusitana*, nº1. Lisboa: Imprensa Nacional.
- SAL - Sociedade Archeologica Lusitana (1851) – *Annaes da Sociedade Archeologica Lusitana*, nº2. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Soares, J. (1980) – *Estação Romana de Tróia*. Setúbal: Câmara Municipal de Grândola e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.
- Soares, J. (2000) – Arqueologia urbana em Setúbal: problemas e contribuições. *Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida (Trabalhos de Arqueologia, 14)*, p. 101-130.
- Soares, J.; Tavares da Silva, C. (1986) – Ocupação pré-romana de Setúbal: escavações arqueológicas na Travessa dos Apóstolos. *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana, Setúbal, 1985 (Trabalhos de Arqueologia, 3)*, p. 87-101.
- Soares, J.; Tavares da Silva, C. (2012) – Caetobriga: uma cidade fabril na foz do Sado. *Portugal Romano (Revista de Arqueologia Romana)*, Ano 1(2), junho, p. 57-73.

Soares, J.; Tavares da Silva, C. (2018) – Introdução. Caetobriga: uma cidade fabril e populosa na foz do Sado. In C. Tavares da Silva (Coord.), *Caetobriga. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos* (Setúbal Arqueológica, 17). Setúbal: Associação de Municípios da Região de Setúbal/Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

Tavares da Silva, C. (1996) – Produção de ânforas na área urbana de Setúbal: a oficina romana do Largo da Misericórdia. In *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado* (Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado). Seixal: CMS, p. 43-54.

Tavares da Silva, C. coord. (2018) – *Caetobriga. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos* (Setúbal Arqueológica, 17). Setúbal: Associação de Municípios da Região de Setúbal/Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

Tavares da Silva, C.; Coelho-Soares, A. (2014) – Preexistências de Setúbal. A ocupação da época romana da Travessa de João Galo, n.ºs. 4-4B. *Setúbal Arqueológica*, 15, p. 305-338.

Tavares da Silva, C.; Soares, J.; (2018) – Ocupação da Época Romana. Estruturas arquitectónicas. In C. Tavares da Silva (Coord.), *Caetobriga. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos* (Setúbal Arqueológica, 17). Setúbal: Associação de Municípios da Região de Setúbal/Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Coelho-Soares, A. (1986) – Fábrica de salga da Época Romana da Travessa de Frei Gaspar, Setúbal. *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana, Setúbal, 1985* (Trabalhos de Arqueologia, 3), p. 155-160.

Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Wrench, L. N. C. (2010) – Os primeiros mosaicos romanos descobertos em Caetobriga. *Musa*, 3, p. 149-164.

Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Beirão, C. de M.; Dias, L. F.; Coelho-Soares, A. (1980-81) – Escavação arqueológica no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*, 6-7, p. 149-218.

Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Coelho-Soares, A.; Duarte, S.; Godinho, R. M. (2010) – Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua Francisco Augusto Flamengo, n.ºs 10-12. *Musa*, 3, p. 165-178.

Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Coelho-Soares, A.; Duarte, S.; Godinho, R. M. (2014) – Preexistências de Setúbal. 2ª campanha de escavações arqueológicas na Rua Francisco Augusto Flamengo, n.ºs 10-12. Da Idade do Ferro ao Período Medieval. *Musa*, 4, p. 161-214.

NOTAS BIOGRÁFICAS E CURRICULARES DOS AUTORES

ALEXANDRA TRINDADE GAGO DA CÂMARA

Historiadora de Arte; doutorou-se em História de Arte Moderna na Universidade Aberta onde é Professora Auxiliar e vice-coordenadora do Mestrado em Estudos do Património. As suas áreas de investigação e ensino são as Artes Decorativas, o Património artístico dos séculos XVII e XVIII. É investigadora integrada do Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA) da Universidade de Évora e colaboradora do Centro de Investigação e Tecnologia das Artes - Universidade Católica. Escola das Artes – Universidade Católica Portuguesa – (CITAR) (Linha de Artes Decorativas) e da ARTIS - Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (linha Rede de Investigação em azulejo).

Tem como principais áreas de trabalho os séculos XVII e XVIII nas Artes Decorativas, Iconografia, Cenografia, Arquitetura civil e História Urbana, destacando-se a Azulejaria. Neste âmbito tem publicado diversos estudos e livros e realizado conferências no estrangeiro e em Portugal.

ANA CLÁUDIA SILVEIRA

Ana Cláudia Silveira licenciou-se em História na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em 1994, encontrando-se atualmente a preparar uma dissertação de doutoramento em História Medieval, desenvolvendo investigação sobre Setúbal sob orientação da Professora Doutora Amélia Aguiar Andrade.

É membro do Instituto de Estudos Medievais (FCSH/NOVA) e integra a equipa da Cátedra UNESCO “O Património Cultural dos Oceanos”, que funciona sob coordenação do CHAM – Centro de Humanidades (FCSH/NOVA).

Desempenha funções como técnica superior na Câmara Municipal do Seixal desde 2000, onde tem desenvolvido investigação e projetos expositivos relacionados com o Moinho de Maré de Corroios. Entre 2004 e 2006, coordenou o projeto internacional “Moinhos de Maré do Ocidente Europeu”, financiado pelo Programa Cultura 2000 da Comissão Europeia.

Tem publicado diversos artigos centrados na organização e desenvolvimento dos espaços litorais, na gestão territorial promovida pela Ordem Militar de Santiago nos seus domínios e na relação da instituição com outras esferas de poder. Recebeu, em 2016, o Prémio de História Alberto Sampaio com o trabalho “Lavar o Mar: a dinâmica da produção de sal em Setúbal no contexto dos salgados portugueses. Etapas de uma afirmação internacional” e, em 2017, foi-lhe atribuído o prémio Doutor José Silva Maltez do Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão (CIJVS) pelo ensaio “Testemunhos históricos sobre a evolução da linha de costa em Portugal”.

ANA DUARTE RODRIGUES

Ana Duarte Rodrigues é professora no Departamento de História e Filosofia das Ciências da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. É investigadora do CIUHCT, e editora responsável pela revista *Gardens & Landscapes*, publicada pela Sciendo. É a investigadora principal do projeto ‘Sustainable Beauty for Algarvean Gardens: Old Knowledge to a Better Future’ (IF/00322/2014) e do projeto ‘Horto Aquam Salutare: O uso eficaz da gestão da água nos jardins da Idade Moderna’ (PTDC/HAR-HIS/28627/2017), financiados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Tem publicado extensivamente na área de jardins e paisagem sob a perspetiva da História das Ciências e da Tecnologia.

ANA LÚCIA BARBOSA

Arquiteta, frequenta em 2015 o Curso de Doutoramento em Arquitectura do IST-Universidade de Lisboa. Em 1999 termina o Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico da Universidade de Évora. Em 1989 conclui a Pós Graduação no Curso de Patologia Reabilitação e Manutenção de Estruturas e Edifícios, no IST. Em 1988 licencia-se em Arquitectura pela FA-UTL.

Actualmente desenvolve a actividade de Projectista de Arquitectura e de Coordenação de Projectos na Câmara Municipal de Lisboa onde foi galar-dada em 2018 com o Prémio Nacional de Reabilitação Urbana, na categoria Impacto Social, com a obra de adaptação parcial do extinto Tribunal da Boa-Hora na Escola Maria Barroso, em 1998 com o 1º Prémio do INH e em 2001 com a Menção do Júri, com as obras do PER do Bairro do Bom Pastor em Benfica, primeira e segunda fase de intervenção respectivamente. De 2001 a 2003 encontrou-se requisitada ao IPPAR onde desenvolveu diversos Projectos de Salvaguarda do Património Arquitectónico. De 2002 a 2011 foi docente no Curso de Arquitectura do ISCTE-IUL, onde leccionou e coordenou disciplinas de Projecto de Arquitectura, do Mestrado em Reabilitação Urbana e Arquitectónica e do Mestrado Integrado em Arquitectura.

ANTÓNIO CUNHA BENTO

António Cunha Bento (n. 1946, Setúbal) possui o Curso Superior de Organização e Gestão de Empresas, desempenhou a sua actividade profissional nas áreas de Recursos Humanos e Financeira no ramo da indústria naval, tem prestado colaboração a várias publicações ligadas à região de Setúbal e é sócio de diversas associações da área cultural, integrando os Corpos Sociais da LASA – Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão, CEB – Centro de Estudos Bocageanos, Associação Cultural Sebastião da Gama, Clube de Coleccionismo de Setúbal.

É co-autor com João Reis Ribeiro, *Imagens da Península da Arrábida no século XIX – O Panorama (1837-1868) e Archivo Pittoresco (1857-1868)*, LASA, 2004; com vários autores, *Património Azulejar de Setúbal e Azeitão*, LASA, 2008; com vários autores, *Património Azulejar Religioso de Setúbal e Azeitão*, Volume I, LASA, 2009; com Carlos Mouro e Horácio Pena, *Domíngos Garcia Peres um setubalense do coração*, LASA, 2012.

BRUNO FERRO

Bruno Ferro (1977) é natural de Setúbal. Terminou, em 1999, o curso profissional de fotografia, no Instituto Português de Fotografia, tendo-se especializado em seguida em conservação de fotografia antiga e preservação de coleções fotográficas, tendo tido como mestre o especialista Luís Pavão.

Trabalha no Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro, do Serviço Municipal de Bibliotecas e Museus da Câmara Municipal de Setúbal, desde o ano 2000, onde tem sido o responsável técnico pela gestão do projeto de conservação da sua coleção fotográfica. Desde 2006, acumula esta função com a coordenação e programação da Casa Bocage. Atualmente, encontra-se em fase de conclusão da licenciatura em Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

CARLOS Mouro

Frequentou o Curso de História (FLL). Desde há muito que tem interesse pela História Local, nomeadamente pela História de Setúbal. Tem publicados alguns textos sobre o tema (individualmente ou em parceria). De entre esses destaca: Mouro, Carlos e Albérico Afonso Alho, “Linhas de evolução da indústria conserveira em Setúbal”, *Estudos locais. Actas do 1.º Encontro de Estudos Locais do Distrito de Setúbal*, Vol. 2, ESE/Instituto Politécnico de Setúbal, 1990, pp. 17-44; Mouro, Carlos e Horácio Pena, *Para a história da iluminação pública em Setúbal*, Setúbal, Universidade Popular de Setúbal, 1997; Mouro, Carlos e Horácio Pena, “Lugar de memória e símbolo de poder. A reconstrução do pelourinho de Palmela em 1907”, in: Ernesto Castro Leal, Odília Castro Leal, Horácio Pena e Carlos Mouro, *Da supressão à restauração do concelho de Palmela. Conjecturas e símbolos*, Palmela, Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela, 1998; Mouro, Carlos, “O Teatro Bocage”, página do Centro de Estudos Bocageanos, in: *O Setubalense*, 25 de Julho e 29 de Agosto de 2001; Mouro, Carlos e Horácio Pena, *Bocage: Os lugares da memória*, Setúbal, Câmara Municipal, 2005; Mouro, Carlos e Horácio Pena, *Carlos Alberto Ferreira Júnior (1906-1997). Um pintor de palavra(s)*, Azeitão, 2006; Mouro, Carlos, “Arronches Junqueiro (1868-1940). A propósito do 140.º aniversário de nascimento”, *O Setubalense*, 26 de Março de 2008; Mouro, Carlos, “Gomes Cardim – um músico setubalense entre Portugal e o Brasil”, *O Setubalense*, 28 de Maio de 2008 (Página do CEB); Mouro, Carlos e Horácio Pena, “Setúbal e os alvares do republicanismo”, *Setúbal 1909. A cidade e o Congresso do Partido Republicano*, Setúbal, CMS, 2009; Mouro, Carlos e Horácio Pena, “A

primeira República e a toponímia”, in: Albérico Afonso (coord.), *Roteiros Republicanos. Setúbal*, Matosinhos, Quidnovi, 2010, pp. 92-98; Mouro, Carlos, “Biografias”, in: Albérico Afonso (coord.), *Roteiros Republicanos. Setúbal*, Matosinhos, Quidnovi, 2010, pp. 99-113; Mouro, Carlos e Horácio Pena, “Um colecionador de utilidades: António Casimiro Arronches Junqueiro (1868-1940)”, *Musa. Museus, Arqueologia & outros patrimónios*, n.º 3, Setúbal, Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS)/Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), 2010, pp. 257-278; Mouro, Carlos e Horácio Pena, *Para a história do Club Setubalense (1855-2010)*, [Setúbal], [Club Setubalense], [2011]; Mouro, Carlos, António Cunha Bento e Horácio Pena, *Domingos Garcia Peres (1812-1902). Um setubalense pelo coração*, Setúbal, Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão, 2012; Mouro, Carlos e Horácio Pena, “O Padrão de Santo Agostinho. Significações de um esquecido monumento setubalense”, *Movimento Cultural*, Associação de Municípios da Região de Setúbal, 2014, pp. 90-102.

Tem inéditos os seguintes trabalhos: Mouro, Carlos, *A construção da memória social bocagiana. As comemorações em Setúbal, (1864-2005)*, 2 Vols., Setúbal, 2006; Mouro, Carlos e Horácio Pena, *Desenhar a luz. A fotografia em Setúbal (1859-1910)*, Setúbal, 2007; Mouro, Carlos, *Para a história da I República em Setúbal. A Revolução Toponímica (1910-1926)*, Setúbal, Fevereiro de 2007; Mouro, Carlos, *João Pedro Gomes Cardim (Setúbal, 11.9.1832 – S. Paulo, 30.4.1918). Um músico entre Portugal e o Brasil*; Mouro, Carlos, *Subsídios para o conhecimento da actividade litográfica em Setúbal (1893-1988)*; Mouro, Carlos e Horácio Pena, *Setúbal e o cinema*.

CARLOS TAVARES DA SILVA

Arqueólogo e pré-historiador. Autor de vasta obra publicada: catorze livros e mais de duzentos artigos em órgãos da especialidade, nacionais e estrangeiros. Co-director da revista “Setúbal Arqueológica”. Tem proferido numerosas conferências e organizado cursos e seminários. Investigador do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa e do CEA do MAEDS. Preside à Comissão Científica da Estação Romana de Tróia. Membro da Academia Portuguesa da História. Dirigi as Unidades de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines e do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina. Coordenou o Centro de Estudos Arqueológicos do MAEDS, museu de que foi co-fundador. Exerceu funções docentes no domínio da Pré-história na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Universidade Aberta e Instituto Universitário Ortega y Gasset (Madrid). Tem integrado júris de mestrado e doutoramento na FLUL e FCSH/UNL. Membro de comissões organizadoras e científicas de congressos nacionais e internacionais; da Comissão Organizadora e Conselho Consultivo do Instituto Português do Património Cultural (IPPC); das Comissões Instaladora e Científica do Parque Natural da Arrábida. Recebeu o Prémio Gulbenkian de Arqueologia/2004, a Medalha de Honra da Cidade de Setúbal/1992, a distinção de Profissional do Ano 2018-2019 do Rotary Club de Setúbal.

CÉSAR MEXIA DE ALMEIDA

Médico estomatologista doutorado na área da Medicina Preventiva e Saúde Pública pela Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (UL). Professor catedrático aposentado de Medicina Dentária Preventiva da Faculdade de Medicina Dentária da UL.

DIOGO FERREIRA

Licenciado em História (2010-2013) e Mestre em História Contemporânea (2013-2015) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa com a dissertação “Setúbal e a Primeira Guerra Mundial (1914-1918)”, orientada cientificamente pela Professora Doutora Maria Fernanda Rollo. Presentemente encontra-se a desenvolver uma tese doutoral intitulada “Setúbal entre Guerras (1919-1945): Um itinerário de história local”, sendo bolseiro de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/131519/2017). Entre crónicas no jornal *O Setubalense* e comunicações em congressos, publicou, em co-autoria, os livros *História de Portugal e A Vida e os Feitos dos Navegadores ao serviço de Portugal (1419-1502)*, da colecção «O que todos precisamos de saber» na Verso de Kapa, e *Os Combatentes do Concelho de Setúbal na Grande Guerra em França (1917-1918)*. Publicou a sua tese de mestrado junto da editora Estuário. Integrou a equipa de investigação do projeto “História dos 250 anos da Imprensa Nacional”.

FRANCISCA RIBEIRO

Licenciada em História, com Variante em História da Arte (1987), pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e pós-graduada em Museologia pelo ISMAG (Instituto Superior de Matemática e Gestão) e Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Lisboa (1995). Técnica superior da Câmara Municipal de Setúbal, desempenha funções no Museu de Setúbal/Convento de Jesus desde 1988. A sua atividade profissional inclui a participação em variados e distintos projetos culturais, patrimoniais e educativos do Serviço dos Museus Municipais. Exerce funções de conservadora/museóloga, gerindo as coleções de arte do Museu de Setúbal/Convento de Jesus e projetando e/ou coordenando e/ou comissariando (e secretariando) exposições nas áreas da História da Arte, História Local e Artes Plásticas. Nesse contexto, entre outras funções, inventaria, pesquisa e estuda, os bens culturais incorporados no acervo de Arte do Museu, e redige documentação técnica de cariz interno, mas também, pontualmente, textos de divulgação das coleções e de contextualização histórica, artística, patrimonial, em conformidade com as temáticas expositivas, com destaque para a coordenação do Catálogo dos “50 Anos do Museu de Setúbal Convento de Jesus (1961-2011)”.

HÉLDER CARITA

Arquitecto. Doutoramento em História da Arte Moderna – arquitectura e urbanismo, com o tema «Arquitectura Indo-Portuguesa na Região de Cochim e Kerala, modelos e tipologias do séc. XVI e XVII». Investigador do Instituto de História da Arte da FCSH-UNL, divide os seus domínios de investigação entre arquitectura e urbanismo sendo uma das suas áreas privilegiadas a arquitectura civil. Entre as suas mais significativas obras publicadas destacam-se: *A Casa Senhorial em Portugal*, Lisboa, Leya, 2015; *Arquitectura Indo-Portuguesa na Região de Cochim e Kerala*, Lisboa, Transbooks, 2008. Ed. Inglesa: *Indo-Portuguese Architecture in Cochim and Kerala*, New Dely, Transbooks. 2009; *Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1496-1521)*, Livros Horizonte, Lisboa, 1999; *Os Palácios de Goa - Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-portuguesa*. Ed. Quetzal, Lisboa, 1995. Ed. Francesa - *Les Palais de Goa*. Ed. Michel Chandaigne: Paris, 1996. Ed. Inglesa *Palaces of Goa*. Ed. Cartago, London. 1999; *Le Palais de Santos*, Ed. Michel Chandaigne, Lisboa, 1997; *Jardins em Portugal - Tratado da Grandeza dos...*, Ed. de Autor, Lisboa, 1987, Ed. Inglesa - *Gardens of Portugal*. Antique Collector's Club, London, 1989.

HUGO O'NEILL

Hugo O'Neill, é um consultor financeiro registado, detém uma post-graduação em Direcção de Empresas pela AESE (1979) detém o grau de Master of Arts *honoris causa* pela National University of Ireland de Galway (2004), é Presidente da Direcção da Associação Portuguesa das Casas Antigas e Governador da European Historic Houses Association, é membro do Conselho Coordenador do Forum do Património.

Colaborou com o Centro Nacional de Cultura na preparação do Congresso da Europa Nostra de Junho de 2012 em Lisboa, com uma apresentação sobre o estado do património abrangendo as casas históricas de Portugal. Preparou, em Março de 2013, a nomeação do Convento de Jesus ao Programa da Europa Nostra e EIB Bank Institut - 7 Most Endangered Sites in Europe que foi aceite por unanimidade. Preparou em colaboração com a Associação dos Jardins Históricos e com o Gabinete de Arquitectura Paisagista da Professora Cristina Castel-Branco a candidatura da Quinta das Machadas ao Fundo EEA Grants. É Vice-Presidente da A7M – Associação do Festival de Música de Setúbal em representação do Helen Hamlyn Trust de Londres. Nesta última qualidade colaborou na montagem do projecto de recuperação do Forte de Albarquel financiado pela HHT e cuja obra se inicia em Abril corrente.

INÊS GATO DE PINHO

Inês Gato de Pinho é licenciada em Arquitectura (UM 2004), mestre em Arquitectura com especialização em Reabilitação Urbana e Arquitectónica (ISCTE-IUL 2012) e doutoranda em Arquitectura no Instituto Superior Técnico/Universidade de Lisboa.

Estagiou na Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e na Câmara Municipal de Setúbal. Trabalhou como *freelancer* entre 2006 e 2015, período no qual colaborou com o atelier Soraya Genin – Arquitectura e Restauro e onde desenvolveu trabalhos de investigação, projecto e acompanhamento de obras de restauro e reabilitação (Moinho de Maré de Corroios, Palácio de Santos, Liceu Francês Charles LePierre, Igreja de S. Luís dos Franceses e Assembleia da República).

É membro da SPEHC (*Sociedade Portuguesa de Estudos de História da Construção*) e da SIEJ (*Sociedade Internacional de Estudos Jesuítas*). É investigadora (membro colaborador) no CERIS — *Civil Engineering Research and Innovation for Sustainability* do Instituto Superior Técnico/Universidade de Lisboa, onde desenvolve a tese de doutoramento em Arquitectura, intitulada “*Modo Nostro*” e a *especificidade da Arquitectura dos colégios da Companhia de Jesus da Província Portuguesa. Do período filipino à expulsão dos jesuítas (1580-1759)*, apoiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/110211/2015).

É autora e co-autora de artigos e livros relativos à história local e História da Arquitectura Portuguesa.

JOÃO BERNARDO GALVÃO TELES

João Bernardo Galvão Teles, sócio da LMT Consultores em História e Património, é licenciado em Direito, académico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio efectivo do Instituto Português de Heráldica, sendo actualmente redactor da sua revista *Armas e Troféus* (publicação fundada em 1932). Foi subdirector do Centro Lusíada de Estudos Genealógicos e Heráldicos da Universidade Lusíada de Lisboa (1998-2011) e exerceu o cargo de secretário-geral da Empresa Pública de Urbanização de Lisboa (2002-2013). É autor de diversos livros e artigos científicos, desenvolvendo a sua actividade académica sobretudo nas áreas da História Social, História da Família e História do Património. Foi galardoado com o Prémio Instituto Português de Heráldica em 2002 e 2005. Como consultor, tem trabalhado com especial incidência na área do património imobiliário, quer para sociedades de advogados, quer para projectistas, promotores e investidores imobiliários, quer ainda para diversas entidades nos sectores do turismo e vinhos de quinta.

JOÃO SANTOS

Licenciado em Ciência Política (2010-2013) pelo ISCTE-IUL e Mestre em História Contemporânea (2014-2017) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa com a dissertação “‘Somos Operários, é Malta do Ferro’ – Desindustrialização, Classe e Memória Operária em Setúbal”, orientada cientificamente pelo Professor Doutor José Neves. Actualmente encontra-se no primeiro ano de doutoramento em História onde está a desenvolver o seu projeto de tese intitulado “Industrialização e Desindustrialização na Região de Setúbal – Para uma História Cultural do Trabalho”.

JOÃO VIEIRA CALDAS

Licenciado em Arquitectura (ESBAL, 1977), Mestre em História de Arte (FCSH-UNL, 1988) e Doutoramento em Arquitectura (IST-UTL, 2007). Dividiu a sua actividade profissional entre a prática da arquitectura, o ensino, a investigação e a crítica. Trabalhou em projectos de intervenção no património construído e participou em inventários e estudos sobre o Património Arquitectónico e Urbano. Actualmente é professor de História e de Teoria da Arquitectura no Mestrado Integrado em Arquitectura do IST, lecciona no Curso de Doutoramento em Arquitectura do mesmo Instituto onde também se dedica à investigação no quadro do CITUA. Tem predominantemente investigado, publicado artigos e livros, comissariado ou co-comissariado exposições e orientado teses de mestrado e de doutoramento nos domínios do património arquitectónico, da arquitectura portuguesa das épocas moderna e contemporânea e da história da arquitectura doméstica (urbana ou rural, erudita e vernácula).

JOAQUINA SOARES

Doutorada em História, especialidade Pré-História pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; Curso de mestrado em planeamento urbano e desenvolvimento regional na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; pós-graduação em museologia na Universidade Lusófona; Licenciatura em Geografia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Directora do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)/AMRS; Investigadora integrada do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Coordenadora da plataforma museológica FIDS e da revista “Musa. Museus, Arqueologia & Outros Patrimónios”; co-directora da revista “Setúbal Arqueológica”; membro do conselho consultivo da APOM; membro de júri de avaliação científica da FCT; arguição de teses de mestrado e doutoramento. Directora de várias dezenas de intervenções arqueológicas e de projectos de investigação em Pré-história holocénica, Arqueologia urbana e de salvamento, Arqueologia social e regional. Extensa obra publicada, quer sob a forma de livros, quer de artigos em revistas da especialidade nacionais e estrangeiras. Foi professora de Pré-história, Proto-história e mestrado na FCSH/ UNL e na FLUL. Para mais informação ver: http://maeds.amrs.pt/informacao/Joaquina_Soares_CV_2018.pdf.

MANUELA TOMÉ

Em 2015 obteve o grau de Doutor em Arquitectura pela U. Beira Interior, com a tese *SETÚBAL: Topologia e Tipologia Arquitectónica (séc. XIV - XIX) – Memória e futuro da imagem urbana*. Em 1996 obteve o grau de Mestre em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico pela U. Évora, com a dissertação *Mosteiro de S. Dinis de Odivelas – Estudo Histórico Arquitectónico, Acções para a Sal-*

vaguarda do Património Edificado. Em 1984 obteve o de Curso de Pós-Graduação em Planeamento Urbanístico pela Faculdade de Arquitectura de Lisboa. Em 28 de Julho de 1977 concluiu a Licenciatura em Arquitectura (seis anos) pela Escola Superior de Arquitectura de Lisboa (ESBAL).

De 1975 a 1979 foi professora no ensino secundário, tendo leccionado a disciplina de Educação Visual. Em 1979 iniciou a sua actividade de arquitecta na Câmara Municipal de Palmela. Em 1983 passou a exercer funções na Câmara Municipal de Vila Viçosa onde desempenhou o cargo de Chefe da Divisão de Administração Urbanística. Em 1988 passou a exercer funções na Câmara Municipal de Setúbal onde desempenhou os cargos de Chefe da Divisão de Habitação, de Chefe da Divisão de Promoção de Obras, de Coordenadora do Gabinete dos Centros Históricos e de Chefe da Divisão de Projectos, Concursos e Empreitadas. Integra o Serviço Municipal de Protecção Civil e Bombeiros, da C.M.S., desde Novembro de 2007, onde tem colaborado na execução de vários estudos desde 2003, com especial destaque para o Plano Municipal de Intervenção no Centro Histórico de Setúbal.

De 2000 a 2008 foi professora na Universidade Moderna de Setúbal, tendo leccionado as disciplinas de Reabilitação de Edifícios e Sítios e de Atelier 4, ao 5.º ano da licenciatura em Arquitectura e ao Mestrado Integrado em Arquitectura.

É revisora do *Journal of Civil Engineering and Architecture (JCEA)*, da David Publishing Company, USA, desde 2014/Jan. Tem desenvolvido a actividade de investigação, com a apresentação de comunicações e conferências na sua área de pesquisa. É autora de várias publicações na área do património e protecção civil.

MARIA JOÃO BOTELHO MONIZ BURNAY

Licenciada em Ciências Históricas pela Universidade Lusíada de Lisboa, realizou Mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro, no Instituto de História de Arte da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Entre 1995 e 2011 integrou o Serviço Educativo do Palácio Nacional da Ajuda. Desde 2011 é conservadora da coleção de Vidros, e luminárias, tem publicado vários artigos e participado em conferências em Portugal e no estrangeiro sobre as coleções da Casa Real Portuguesa.

Foi, com a Professora Rosa Barovier Mentasti, comissária da exposição “Ricordo di Venezia. Vidros de Murano da Casa Real Portuguesa” patente no Palácio Nacional da Ajuda de Junho de 2015 a Janeiro de 2016. É ainda membro do *ICOM (International Council Of Museums)/GLASS* e da *Light and Glass. European Society for Light & Glass*.

MARIA JOÃO PEREIRA COUTINHO

Licenciada em Artes Decorativas Portuguesas, mestre em História da Arte e doutora em História (especialidade em Arte, Património e Restauro). Minis-

trou unidades curriculares na Escola Superior de Artes Decorativas Portuguesa da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva e na Universidade Católica Portuguesa. Entre 2006 e 2009 foi bolsista de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/22602/2005) e entre 2010 e Fevereiro de 2012 foi bolsista do projeto “Lisboa em Azulejo antes do Terramoto” (PTDC/EAT-EAT/099160/2008) do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, de que é membro integrado. Desenvolveu também um pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BPD/85091/2012) e é docente convidada no Curso de 1º Ciclo em História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Tem participado em encontros nacionais e internacionais, de carácter científico, organizado colóquios e congressos e tem colaborado com projetos culturais, no âmbito da História da Arte e Artes Decorativas.

MIGUEL MONTEZ LEAL

Miguel Montez Leal é investigador integrado do Instituto de História de Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Doutorado em História da Arte Contemporânea (UNL), Mestre em História da Arte Contemporânea (UNL), licenciado em História (UNL), possui as pós-graduações em Estudos Europeus (Dominante Jurídica), pela Universidade Católica Portuguesa e no Ramo de Formação Educacional em História (UNL). Tem participado em variados colóquios e congressos no âmbito da história da arte e da história, e tem publicado diversos artigos científicos em revistas e obras da especialidade. Pertence ao Instituto Português de Heráldica.

PEDRO FERNANDES

Licenciado em Comunicação Social pela Escola Superior de Educação de Setúbal e Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, desempenhou funções como responsável de comunicação no Espaço Público Europeu sob tutoria da Representação da Comissão Europeia em Lisboa e trabalha atualmente como editor e coordenador de um projecto de iniciativa própria. Desenvolve desde 2014 uma investigação relativa às antigas quintas de Setúbal e arredores próximos.

PEDRO FLOR

Doutorado em História da Arte Moderna pela Universidade Aberta em 2006. Desde 1998, lecciona várias unidades curriculares na área da História da Arte e da Museologia nos Cursos de 1º, 2º e 3º Ciclos de História, especialidade Estudos do Património na mesma Universidade. É Sub-Director e membro investigador do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais

e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde coordena a linha de investigação “Estudos sobre Lisboa”. É o Investigador Responsável do projecto “ROBBIANA - The Della Robbia sculptures in Portugal: History, Art and Laboratory” (PTDC/HIS-HEC/116742/2010), aprovado para financiamento pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Colabora com o Departamento de História da Arte da mesma Faculdade na leccionação de várias unidades curriculares do Curso de 1º Ciclo em História da Arte. Tem desenvolvido diversos trabalhos de investigação no âmbito do Renascimento e dos Estudos Oisiponenses, participando em diversos encontros de carácter científico nacionais e internacionais e publicando variados textos da especialidade. É Académico Correspondente da Academia Portuguesa da História. É actualmente o Presidente da Associação Portuguesa de Historiadores da Arte.

PEDRO MARQUES ALVES

(Setúbal 1982) Licenciado em Arquitectura em 2006 pelo ISCTE e Mestre em Arquitectura em 2009 pelo ISCTE-IUL, tem dividido o seu percurso profissional por projectos de investigação e consultoria e pela prática da arquitectura. Os primeiros em contexto académico (ISCTE-IUL, Lisboa); e a segunda, com colaboração em diferentes ateliers – Pedro Mendes Arquitectos, lda. (Lisboa), DHV, S.A. (Lisboa), Maxwan (Roterdão), NLUS (Haia), SAMI (Setúbal) – e, com o seu próprio atelier: Alves Arquitectos (Setúbal).

O conjunto destas experiências tem lhe permitido desenvolver projectos em contexto nacional e internacional, assim como, a atribuição de algumas distinções. Em 2006, em colaboração com Pedro Mendes Arquitectos, lda. venceu o Prémio European; em 2014 foi finalista do Desafio Ideias de Origem Portuguesa da Fundação Calouste Gulbenkian; e, em 2015 o seu filme “Atelier da Rua” foi projectado no New Urbanim Film Festival, em Los Angeles.